



Dramático o embarque do Imperador na madrugada.

Fora das cogitações de Deodoro a derrubada da monarquia. O peso de um boato sobre a mudança do Ministério

Sem entrar no exame das chamadas Questões Militares, que irritaram todos os "cidadãos fardados", nem na Questão dos Bispos, que alienou da Coroa boa parte dos católicos — ambos importantes fatores na derrubada do trono —, cumpre dizer que a Proclamação da República não estava, absolutamente, nas cogitações do Marechal Deodoro. O velho soldado não pensava em derrubar a monarquia. Com ele formavam os chamados "colarinhos de couro", sofridos combatentes do Paraguai, que não entendiam de política nem queriam exercê-la. Mas, cercando o marechal e outros comandantes do seu porte, havia os "cadetes-filósofos", chefiados por Benjamin Constant Botelho de Magalhães (1833-1891), oficial do Exército e professor da Escola Militar, todos ardentes positivistas, que exerciam verdadeiro predomínio afetivo sobre os seus capitães.

São por demais conhecidos os acontecimentos que ocorreram a 15 de novembro de 1889. O estopim não foi convicção de que se devia optar pelo regime republicano. Foi, isso sim, uma notícia, aliás mentirosa, de que D. Pedro chamara Gaspar da Silveira Martins para formar o gabinete. O marechal, que detestava, e com

razão, o prócer gaúcho, viu na sua ascensão uma represália do Imperador e maiores perseguições aos militares — e a República se fez. Depois, quando falava de Pedro II, Deodoro dizia: "Era um bom homem, um bom homem..." E mandou, por decreto, que o governo se responsabilizasse pelas pensões que o Imperador mensalmente pagava do seu bolso a uma multidão de desertados.

Como todos sabem, Manuel Deodoro da Fonseca (1827-1892) mal governou durante o chamado governo provisório e menos ainda depois, quando eleito. Renunciou, chamando para sucedê-lo o "funcionário" Floriano, seu vice. Herói em vários choques armados da nossa história imperial, sobretudo a Guerra do Lopes, era um caudilho na melhor tradição dos fastos gaúchos, embora fosse alagoano de origem. Valente, leal, fervoroso em tudo quanto fazia, sentimental até as lágrimas, paternalista, protetor dos seus "meninos", os soldados sob o seu comando, não era homem de politizar e administrar. Estava acostumado aos bivouacs e aos quartéis, aos encontros de lanças e tiros, em que se morre ou se triunfa. Os debates políticos, as filigranas das idéias e, principalmente, a liberdade de imprensa e a suposição de que o incriminassem de desonesto, enfureciam-no. Abandonou o governo malferido, desgostoso de tudo e de todos. Morreu pouco depois.

Curioso é que, embora com tal temperamento tumultuoso e afetivo, explosivo mesmo, Deodoro não tivesse merecido dos brasilei-

ros a paixão que Floriano provocou. Antes que a Revolta da Armada terminasse, já era para todos o Marechal de Ferro. Não sabemos de pai que tivesse batizado o filho nascente com o nome de Deodoro, mas foram milhares por estes brasis os que deram aos seus pimpolhos o nome de Floriano. Não houve um "deodorismo", mas houve um "florianismo". Dez anos depois da sua morte, Floriano ainda inspirava as mais veementes demonstrações de admiração, fazendo tremar nas bases os dois primeiros presidentes da República. E, pelo menos na presidência Campos Sales, não havia já o menor temor da restauração monárquica.

O Marechal Floriano Vieira Peixoto (1839-1895) foi uma das mais estranhas personalidades que passaram pela nossa história monárquico-republicana. "Álgido" era o adjetivo que sempre ocorreu aos que dele falaram. Nos dias que antecederam à renúncia de Deodoro, recebia em sua casa de Rio Comprido os amigos e também os conspiradores. Pessoalmente, ele não conspirava contra "o Manuel", como chamava a Deodoro. Mas deixava que conspirassem. Assim fala dele Euclides da Cunha, naquela ocasião: "De repente uma ducha enregelada: aparecia o Marechal Floriano com o seu aspecto característico de eterno convescente e o seu olhar perdido caindo sobre todos sem se fixar em ninguém. Sentava-se, vagorosamente, e, no silêncio que se formava de súbito, lançava uma longa e pormenorizada resenha dos achaques que o vitimavam. Era desolador!" Os acha-

ques eram reais, pois Floriano morreu sete meses e alguns dias depois de abandonar o poder.

Era uma personalidade não apenas "álida", mas até mesmo "esfingica". Embora alagoano como Deodoro, que tinha um temperamento gaúcho, digamos assim, Floriano se mostrava friamente enérgico, não tinha rompantes de mandonismo, nunca explodia. Haveria nele um bom contingente de sangue dos caetés arredios e desconfiados. Aliás, o seu fâcies, acentuado pelo olhar fugidio, ausência de barba, cabelos corridos, pálpebras pesadas e bigodes caídos, era mesmo o de um descendente dos filhos das selvas trazidos à força para o meio dos brancos. Por isso, ao contrário do hirsuto e aberto Deodoro, Floriano, com sua fria coragem, reservava-se, reservando para certo espírito de galhofa, "humor negro", diríamos hoje. "Vão discutindo, enquanto eu vou prendendo", quando se tratava de "limpar a área" após a queda do trono. "E quem concederá *habcas-corpus* aos ministros do Supremo?" Aos que lhe comunicavam que os magistrados concederiam a medida aos presos. "Prisão de generais", título escrito numa tampa de caixa de sapatos e pregada à porta de um cárcere comum, resposta aos que reclamavam prisão especial para as altas patentes que ele mandava deter.

Era pobre, como também Deodoro, e pobre saiu da presidência. Títulos da carreira já os tinha todos. Não era amante do poder, nem o desfrutou nos seus menos de três anos de governo.

Todos temiam que ele quisesse manter-se no comando da República, pois, ao renunciar Deodoro, entendeu que deveria governar até o fim dos quatro anos para que fora eleito, embora a Constituição mandasse novas eleições, uma vez que o marechal-presidente não cumprira sequer metade do mandato. Até o fim, até o dia 15 de novembro de 1894, ninguém ousaria afirmar que ele deixaria o palácio. Mas deixou, sem conceder a Prudente a audiência solicitada nem muito menos passar-lhe a faixa presidencial, e foi para casa.

Mário Donato, jornalista, romancista, membro da Academia Paulista de Letras. Autor de **Presença de Anita** e outras obras.

Manoel Víctor Filho, professor de desenho, pintor, ilustrador e programador visual. Ilustrou as obras infantis de Monteiro Lobato.